Uma análise do capital simbólico advindo da inserção evangélica nas redes sociais em Rio Grande da Serra, periferia urbana do Grande ABC

*Claudio Noronha**

Resumo

Este artigo aborda a inserção dos evangélicos nas redes sociais, formais ou informais, religiosas, ou não, no município de Rio Grande da Serra. No presente texto, examinaremos especialmente o capital simbólico advindo de sua participação nesses espaços sociais, considerando que parcela significativa da população está inserida em situação de riscos e alta vulnerabilidade social, consequência, principalmente, das características socioeconômicas e geográficas do município, periferia do Grande ABC paulista. Para a nossa análise, apresentaremos o resultado de pesquisa (questionário) realizado junto aos evangélicos (com maior peso entre pentecostais), especialmente as perguntas relacionadas aos elementos simbólicos advindos de sua participação eclesial e nas redes construídas em seu entorno. Também apresentaremos uma breve descrição, e análise, das redes que identificamos e acompanhamos em nossa pesquisa.

Palavras-chaves: Rio Grande da Serra; evangélicos; redes sociais; capital simbólico; vulnerabilidade social.

An analysis of the symbolic capital arising from the insertion evangelical social on the networks in "Rio Grande da Serra", urban periphery of the Greater ABC

Abstract

This article discusses the insertion of evangelical on the social networks, formal or informal, religious or not, in "Rio Grande da Serra". In this paper, we examine specifically the symbolic capital arising from their participation in these social spaces, considering that a significant portion of the population is placed in a situation of high risk and social vulnerability, result of geographical and socioeconomic characteristics of the city, periphery of the Greater ABC. For our analysis we present the results of research (questionnaire) carried out among evangelicals (with greater weight with the

* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião pela mesma universidade E-mail: clpnoronha@yahoo.com.br .

Pentecostals), especially questions related to the symbolic elements arising from their participation in churches and networks built around these. Also give a brief description, and analysis of networks we have identified and followed in our research.
Keywords: Rio Grande da Serra, evangelical, social networks, symbolic capital, social vulnerability

Un análisis del capital simbólico derivado de la inserción evangélica en las redes sociales em "Rio Grande da Serra", periferia urbana del "Grande ABC"

Resumen

Este articulo aborda la inserción de los evangélicos en las redes sociales, formales o informales, religiosas o no, em Rio Grande da Serra. En este trabajo, se analiza de modo especifico el capital simbólico derivado de su participación en estos espacios sociales, teniendo en cuenta que una parte significativa de la población se encuentra en situación de alto riesgo y vulnerabilidad social, como consecuencia, principalmente de las características geográficas y socieconómicas de la ciudad, periferia do Grande ABC, em São Paulo. Para nuestro análisis se presentan los resultados de la investigación (cuestionario) que se llevó a cabo entre los evangélicos con los elementos simbólicos derivados de su participación en la comunidad eclesial y de las redes construidas a su alrededor. Registrase también una breve descripción y análisis de las redes que se han identificado en nuestra investigación.
Palabras claves: Rio Grande da Serra; evangélicos; redes sociales; capital simbólico; vulnerabilidad social.

Introdução

O presente artigo é um fragmento de nossa dissertação de mestrado,[1] concluída em 2010,[2] realizada no município de Rio Grande da Serra junto às igrejas e redes sociais em torno do campo religioso evangélico. Para fins de contextualização do trabalho, apresentaremos, de início e sucintamente, dados históricos, socioeconômicos e ambientais do município, estando este situado na região do Grande ABC paulista. Esses dados, em grande medida, põem em relevo a condição "periférica" em que a cidade se encontra, não apenas territorialmente, mas, também, em seus aspectos sociais.[3]

Após uma referência acerca da inserção evangélica em Rio Grande Serra, seguiremos com uma apresentação, e comentários, dos dados de pesquisa

1 NORONHA, Claudio Pereira. **Religião e Capital Social na periferia urbana do Grande ABC Paulista: uma análise das redes sociais pentecostais no município de Rio Grande da Serra**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

2 Contamos durante a nossa pesquisa de mestrado, na condição de bolsista, com apoio da CAPES.

3 Essa condição torna-se mais evidente quando comparamos seus índices socioeconômicos aos dos demais municípios da região do Grande ABC.

obtidos a partir de questionários respondidos por evangélicos (pentecostais e não pentecostais) da cidade. A apresentação foca os elementos que nos permitem conhecer a situação socioeconômica (específica) dessa população – além de elementos como faixa etária, local de nascimento (migração), pertença religiosa, etc. –, como também a opinião desses no que diz respeito aos elementos materiais e simbólicos advindos de sua participação nas atividades eclesiásticas e nas redes formadas em torno desse universo. Por fim, apresentaremos a relação de redes sociais e religiosas que identificamos e acompanhamos na cidade durante o percurso de nossa pesquisa.

Ressalte-se que o objetivo, no trabalho de mestrado, estava baseado, sobretudo, em identificar o quanto a participação nos espaços de culto e redes religiosas – a partir dos vínculos que esses espaços propiciam – possibilitaria o aumento do capital social dos seus participantes, especialmente àqueles em situação de maiores riscos e vulnerabilidade social.

Rio Grande da Serra: questões históricas, socioeconômicas e ambientais

Origens históricas do município

A história de Rio Grande da Serra, desde suas origens, está intensamente ligada à formação da região do Grande ABC – e aos demais municípios em seu entorno, como São Paulo, Santos e Mogi das Cruzes –, pois, já no século XVI, seu território fazia parte da aldeia da Vila de Santo André da Borda do Campo, chamando-se na época Geribatiba ou Jurubatuba.[4] O povoado ramalhense, em 1560, foi transferido para a Vila de São Paulo de Piratininga e, durante o tempo em que toda a região esteve desabitada, o local em que se encontrava Rio Grande da Serra serviu de caminho aos tropeiros em direção a Cuiabá em busca de ouro. A mando do Rei de Portugal, objetivando impedir a busca do metal precioso, esse caminho (chamado de caminho de "Zanzala") foi fechado em 13 de maio de 1722, e reaberto somente no ano de 1837 (SAAR, s/d, p. 48), tornando-se, em 1864, a principal ligação entre Mogi e Santos (SANTOS, s/d).

Na década de 1850, havia um pequeno povoado, crescendo ao redor da igreja de São Sebastião[5] – originalmente chamada de Capela de Santa Cruz.[6] A ferrovia "The São Paulo Railway" ou a "Inglesa",[7] que ligava o

[4] Em língua indígena significa: "O palmar ou sítio dos jiribás ou geribás" (SANTOS, s/d).

[5] Nome da atual paróquia do município.

[6] A construção é do século XVII (SERRANO, 2007).

[7] O início da construção da ferrovia deu-se em maio de 1860, e seu funcionamento parcial (1865) contribuiu para a decadência das tropas, dos caminhos, e até mesmo das povoações e bairros ao longo das estradas, que ao movimento delas deviam a sua vitalidade (SAAR, s/d, p. 21).

planalto paulista ao litoral, contribuiu para acelerar o crescimento da vila, pois, além da estação, instalaram-se serrarias, pequenas mercearias e olarias (SERRANO, 2007).

No início do século XX, chegaram os primeiros imigrantes italianos e, na década de 1940, chegaram os imigrantes japoneses, com grande número de famílias que se instalaram com granjas, lavoura branca e cultura de flores (Plano Diretor Participativo de Rio Grande da Serra, 2006). Os migrantes de Minas e do nordeste completaram a marcha dos que vieram "de fora" para o município.

As primeiras décadas do século XX foram, aos poucos, delineando os "contornos" da região do Grande ABC. Ainda no século XIX havia se formado a Freguesia de São Bernardo do Campo, sob o controle da cidade de São Paulo. Em 1938, o nome foi alterado para Santo André, ocorrendo uma bipartição dessa região no ano de 1944. Em 1953, Rio Grande da Serra passou a ser município de Ribeirão Pires, recebendo o nome de Icatuaçu. Em 1963, obteve sua emancipação – após um plebiscito –, passando a fazer divisa com Santo André, Ribeirão Pires e Suzano.[8] Em 7 de março de 1965, ocorreu a primeira eleição. Carlos José da Veiga Carlson (PDC) foi eleito primeiro prefeito, e foi eleita também a primeira bancada de vereadores.

Entre os anos de 1970 e 1975, algumas indústrias se instalaram no município, com benefícios de isenção fiscal (SAAR, s/d). Contudo, em 1976, uma rigorosa legislação de proteção ao manancial, proibiu a instalação de atividades econômicas poluentes (do setor primário ao terciário), o que teve enorme impacto para a economia da cidade e, consequentemente, para o seu (não) desenvolvimento. A partir de 1990, observa-se o brotar do setor comercial e o de prestação de serviços, como gêneros alimentícios, roupas, calçados e eletrônicos, o que ainda não foi suficiente para reverter sua situação desfavorável em relação ao conjunto de cidades da região.

Dados socioeconômicos e a questão ambiental do município

A população de Rio Grande da Serra[9] possui, segundo dados de IBGE (2000), aproximadamente 41 mil habitantes.[10] O crescimento populacional do

[8] Vale ressaltar que essa não foi uma decisão unânime, tampouco um processo tranquilo, pois já se suspeitava da dificuldade de seu desenvolvimento (econômico) autônomo.

[9] O município é parte integrante da RMSP.

[10] Os negros compõem, no município, 42% desse contingente, elemento importante em nossa pesquisa – levando em consideração que o campo religioso pentecostal abriga historicamente um percentual expressivo de negros (BARRERA, 2005). A parcela de jovens também não deve ser desprezada, pois é significativo o percentual (57,63%) de pessoas com até 30 anos de idade.

Grande ABC, resultado da industrialização, influenciou, enormemente, o desenvolvimento do município, sobretudo, nas décadas de 1970 e 1980.[11] A despeito de não ter expandido o seu próprio parque industrial, muitos migrantes, especialmente de Minas e Gerais e do nordeste (em grande parte de Pernambuco e Bahia) locaram-se em Rio Grande da Serra. Algumas questões contribuíram para isso, por exemplo, o baixo custo dos terrenos. Assim, tornou-se uma "cidade dormitório", visto que parcela considerável da população vinha para o município somente para trabalhar nas grandes indústrias do ABC.

Se a população cresceu significativamente, o mesmo não ocorreu com as empresas (e número de empregos), o que se verifica quando comparamos seus dados aos demais municípios do Grande ABC. De acordo com a Fundação SEADE (2004), das 5.555 fábricas situadas na região do Grande ABC, apenas 29 estavam em Rio Grande da Serra. Dificultaram a industrialização no município a situação geográfica (uma tipografia bastante acidentada e irregular) e sua inserção em Área de Proteção de Mananciais (PDP, 2006). A Empresa "Dura", no setor de automotivos, é atualmente a mais importante na cidade.

As tabelas a seguir expressam a frágil situação em que se encontra a cidade em termos de desenvolvimento econômico. A tabela n. 1 demonstra a participação diminuta que o município tem em relação ao PIB (em 2002) da região do Grande ABC – revelando também o quanto é bastante dependente de verbas estaduais e federais –, sendo que a tabela n. 2 reforça a pouca possibilidade de empregos no município, especialmente no setor industrial, setor que normalmente remunera com melhores salários e benefícios.

Tabela n. 1 – Participação relativa dos municípios no PIB do Grande ABC

Municípios	%
Diadema	14,17
Mauá	12,40
Ribeirão Pires	2,19
Rio Grande da Serra	0,44
Santo André	24,83
São Bernardo do Campo	36,58
São Caetano do Sul	9,39

[11] A população saltou de 3.955 habitantes em 1960, para 20.093 na década de 1980, e 35.267 na década de 1990 (SAAR, s/d, p. 59). Entre as décadas de 1970 e 1980, apresentou crescimento de 139,2%, enquanto o Grande ABC cresceu 67,2%, e o Estado de São Paulo, 40,90%, conforme dados do (IBGE).

Tabela n. 2 –- Empregos formais ocupados por setor de atividade: ano de 2003

Total de empregos ocupados	2.055	%
Indústria	850	41,36
Comércio	248	12,07
Serviços	801	38,98
Demais empregos	156	7,59

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE /2003

Também os indicadores de escolaridade mostram-se baixos, questão corrente nas periferias urbanas (TORRES; FERREIRA e GOMES, 2005). Os índices de escolaridade na região do Grande ABC, incluindo a RMSP e o Estado de São Paulo, mostram que Rio Grande da Serra apresenta deficiência em todos os itens comparativos. A taxa de analfabetismo (pessoas com mais de 15 anos de idade) chega a 8,42%. A cidade de Santo André, que apresenta o menor índice, chega a 4,45%. A média de anos de estudo (população entre 15 e 64 anos) está em 6,57. Nesse item, Santo André chega a 8,42. E, no caso da população com menos de oito anos de estudo (acima de 25 anos de idade), Rio Grande atinge 66,57%. São Bernardo, com o melhor índice, chega a 46,62%.

Os dados expostos revelam que o município possui significativo índice de *vulnerabilidade social*, conceito que pode ser entendido como uma combinação de fatores que podem produzir um deterioro do nível de bem-estar de pessoas, famílias ou comunidades, em consequência de sua exposição a determinados tipos e intensidades de riscos (PDP, 2006). Situações como: segregação socioespacial (pouco acesso a muitos recursos sociais), pouco investimento de recursos públicos em infraestrutura, falta de políticas mais assertivas nas áreas de saúde, educação, moradia e geração de empregos, além dos riscos iminentes de deslizamentos, são muito comuns nas *periferias urbanas*.

Na tabela n. 3, temos a situação do município de Rio Grande da Serra.

Registramos que Rio Grande da Serra está inserida na área abrangida pela Lei de Proteção de Mananciais da Bacia Billings, cujos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, Diadema e Ribeirão Pires também fazem parte (PDP, 2006). Esse território situa-se no *Parque Estadual da Serra do Mar*,[12] um dos mais importantes da região da Mata Atlântica. A represa está dividida em oito unidades denominadas braços, as quais formam as sub-

[12] Criado em 1977, o Parque Estadual da Serra do Mar (PESM) é o maior parque paulista, com 315.390 ha, destinado à preservação, à educação ambiental, à valorização da cultura local e à pesquisa científica.

-regiões da Bacia. Um desses braços é o de Rio Grande (LOPES, 2006), que abastece São Bernardo do Campo, Diadema e parte de Santo André (Sabesp). Um dos afluentes do Rio Grande é Ribeirão da Estiva que abastece 100% da cidade de Rio Grande da Serra (ibidem).

Tabela n. 3 – Índice de vulnerabilidade social no município de Rio Grande da Serra

Grupo 01	Nenhuma vulnerabilidade	-
Grupo 02	Vulnerabilidade muito baixa	-
Grupo 03	Vulnerabilidade baixa	15,2%
Grupo 04	Vulnerabilidade média	65,2%
Grupo 05	Vulnerabilidade alta	6,2%
Grupo 06	Vulnerabilidade muito alta	13,32%

Pertencer a uma área de Proteção de Mananciais dificultou, por um lado, seu crescimento econômico/industrial, mas por outro possibilitou, pela ausência de indústrias e aglomerados de automóveis e caminhões, que grande parte de sua vegetação e uma boa qualidade do ar, com baixo índice de poluição, compusesse sua realidade.

Em questionário aplicado a moradores (evangélicos) do município,[13] indagamos o seguinte: *Você considera Rio Grande da Serra uma boa cidade para se viver? E por quê?* 88% dos respondentes disseram que "sim", que gostam de viver na cidade. Os dois principais motivos que justificam a afirmação positiva em relação à cidade – cujas respostas (abertas) permitiam liberdade de opinião – definiram-se assim: 50% das pessoas mencionaram questões em torno do tema: cidade calma, tranquila, sossegada, sem trânsito e silenciosa e 45,45% afirmaram que a cidade possui bom clima (qualidade do ar), uma boa vegetação e não tem poluição.

Embora a cidade apresente um conjunto de problemas como falta de industrialização ou baixo nível de emprego e renda, verificamos que viver em uma cidade sem poluição ou sem o trânsito das grandes metrópoles parece uma espécie de compensação. Contudo, não podemos deixar de mencionar que a cidade sofre com questões ligadas, direta ou indiretamente, com problemas do meio ambiente, que se traduzem por ocupação irregular, depósito de lixos nas vias públicas, e falta de infraestrutura urbana.

[13] O questionário foi aplicado a pessoas que se declaravam pertencentes às igrejas evangélicas.

As primeiras igrejas evangélicas, e o perfil dos fiéis

Até as últimas décadas dos anos 1960 não havia ainda templos evangélicos na cidade, assim, aqueles que professavam essa religião, reuniam-se nas casas dos irmãos. A igreja Assembleia de Deus, Ministério de Santos, situada no centro da cidade, foi então uma das primeiras a se constituir. Fundada em julho de 1970 (cf. Ata de fundação), teve papel importante na criação de outras "Assembleias de Deus" no município: "A primeira igreja evangélica em Rio Grande da Serra foi a Assembleia de Deus, Ministério de Santos. A igreja começou aqui nessa data [1970], e começou a abrir trabalhos, como fundar templos, nos demais bairros".[14] Conforme nos relatou Aarão Teixeira, prefeito da cidade nesse período, o seu vice-prefeito era membro da Assembleia de Deus, Ministério de Santos. Isso contribui muito para o desenvolvimento dessa denominação, e de outras igrejas evangélicas no município, considerando-se, no entanto, de acordo com as palavras do ex-prefeito, que a situação precária da cidade, na época, era pouco favorável ao crescimento das igrejas.[15]

Com o tempo, outras igrejas formaram-se a partir de reunião de membros em casas, salões, etc. A Congregação Cristã no Brasil, no bairro de Vila Lopes, foi fundada em 1965, e formou-se a partir de reuniões de oração. A igreja O Brasil para Cristo, na Vila Lopes, com 35 anos na cidade, está também entre as mais antigas.

De lá para cá, novas igrejas evangélicas constituíram-se e, atualmente, representam um grupo importante, e diversificado, na cidade. Segundo censo de 2000 (IBGE), os evangélicos somam 24% da população. No campo evangélico não pentecostal, estão as igrejas Batista, Presbiteriana, Congregacional, Adventista do Sétimo Dia, Mórmons e Testemunhas de Jeová. Entre as evangélicas pentecostais, há uma enorme diversidade de denominações, variando também o tamanho dos templos. A Congregação Cristã no Brasil, no centro da cidade, é um dos maiores templos, comportando aproximadamente 600 pessoas. Mas há templos bem pequenos, que mal acolhem 15 pessoas. Esses estão espalhados pelos diversos bairros do município.

---

[14] Depoimento de um obreiro, em 21/01/2010, sobre o desenvolvimento da igreja na cidade.

[15] Aarão Teixeira (ex-prefeito), cujo mandato (1976-82) ocorreu no período em que as igrejas evangélicas estavam começando a se desenvolver, afirma que a cidade, bem como a população, era muito pobre na época em que foi prefeito e afirma ter estabelecido uma relação de ajuda mútua entre as religiões, tanto católica (sua própria religião) como evangélica. A atual Igreja Matriz (Católica) estava sendo construída em seu mandato e afirma que a prefeitura contribuiu (como pôde) em sua construção.

Pesquisa realizada com evangélicos na cidade nos possibilitou uma visão geral desse grupo religioso.[16] A seguir compilamos os dados que consideramos relevantes para o presente texto.

Faixa etária: metade dos entrevistados concentra-se entre 31 e 50 anos de idade, e a maioria (65%), é formada por negros – se considerarmos, de forma conjunta, os que se identificam como pardos e pretos, 70% responderam que são casados e a *renda familiar* mostra uma situação socioeconômica frágil, 52% possuem uma renda familiar de até três salários mínimos e 78% possuem até cinco salários mínimos (valor de dez/09). Em relação ao percentual de escolaridade, 35% não concluíram o primeiro grau, número que chega a 50,67% entre os pentecostais, o que demonstra um baixo nível de escolaridade entre os participantes desse grupo religioso.

O *local de nascimento*: entre os evangélicos pentecostais, temos os seguintes dados: 10,67% nasceram em Rio Grande da Serra.[17] No geral, 52% nasceram no Estado de São Paulo e 48% são originários de outros Estados.[18] Nesse caso, 32% dos migrantes são nordestinos. Entre os evangélicos não pentecostais, 8% nasceram no próprio município. No geral, 56% nasceram no Estado de São Paulo e 44% são migrantes. Nesse grupo, os nordestinos são apenas 20%. A migração nordestina, no caso dos ascendentes dos entrevistados, é bem mais significativa. O percentual "materno" de nordestinos, entre os pentecostais, é de 48%, e o "paterno" chega a 54,67%. Bahia, Pernambuco e Sergipe, no caso dos Estados do nordeste, são os principais Estados de origem migratória, mas Minas Gerais, na região sudeste, também teve peso importante nesse processo.

No caso da *pertença religiosa*, é significativo o chamado *trânsito religioso*: 64% apontaram já ter passado por outros grupos, antes de seu pertencimento religioso atual (no momento da entrevista). No caso, 70,31% afirmam terem sido católicos, 34,38% passaram por igrejas evangélicas não pentecostais, 6,25% transitaram por outros grupos evangélicos pentecostais e 1,56% já pertenceram a uma religião fora do âmbito cristão. Os motivos que os levaram

[16] Entrevistamos 100 pessoas, por intermédio de questionários semiestruturados, que dividimos em 75% para evangélicos pentecostais e 25% para evangélicos não pentecostais. Para manter certa proporcionalidade de participação de gênero, aplicamos o questionário a 55 mulheres e 45 homens.

[17] No município de Rio Grande da Serra não há maternidade. Para efeito de nossa pesquisa, quando perguntamos sobre a cidade natal, identificávamos se a família do respondente era ou não moradora de Rio Grande da Serra. Caso fosse, consideramos como oriundo do município, se a família residisse em outra cidade do ABC, consideramos como sendo essa a sua cidade de origem.

[18] Esses dados são importantes por colocar em relevo o processo migratório e as redes religiosas (e não religiosas), no município.

a mudar de religião são muitos, entre eles estão: 23,44%, por exemplo, dizem que mudaram de religião por examinarem as Escrituras, passarem a conhecer a "verdade", ou aceitarem as doutrinas de Cristo, que estão na Bíblia. Esse sentimento – de conhecer melhor a Bíblia – é bastante comum naqueles que deixaram de ser "católicos". 9,38% apontaram questões relativas à mudança de município, Estado, etc. Outras questões como "necessidade de mudança espiritual ou libertação" (6,25%), influência da família (6,25%), "doença ou desemprego" (6,25%) ou ainda "um chamamento de Deus" (6,25%), figuram entre as principais respostas.

Embora seja expressivo o percentual de pessoas que afirmaram "já ter transitado por outras religiões", é possível perceber certo grau de fidelidade religiosa. 40%, entre os evangélicos pentecostais, dizem estar há mais de 15 anos em sua denominação. Entre os não pentecostais, o percentual é de 48%. Na tabela n. 4 a seguir, vemos o quadro na íntegra. Elemento comum aos evangélicos em geral, a frequência semanal, entre os respondentes, também é um dado importante. Entre os evangélicos pentecostais, 94,67% afirmam ir duas vezes ou mais, por semana à igreja, o que ocorre com 84% dos não pentecostais.

Tabela n. 4 – Tempo de pertencimento à atual igreja/religião – (em %)

Tempo de igreja	*Evangélicos pentecostais*	*Evangélicos não pentecostais*
0-3 anos	**22,67**	**24**
3-6 anos	**9,33**	**4**
6-9 anos	**8**	**8**
9-12 anos	**6,67**	**4**
12-15 anos	**13,33**	**12**
15 anos ou mais	**40**	**48**
Total	**100**	**100**

O pertencimento religioso dos ascendentes revela-nos algo interessante: de forma geral, a "mãe" influencia mais na pertença religiosa do que o "pai". Entre os pentecostais, 41,34% das mães são citadas como pentecostais, o que ocorre com apenas 20% dos "pais". No caso dos evangélicos não pentecostais, o percentual de mães que professam a mesma religião chega a 56%, e apenas 36%, no caso dos pais.

Capital social e as redes sociais e religiosas

Entre os objetivos de nossa pesquisa, estava analisar o papel social das religiões, especialmente no campo evangélico, com vistas a observar o quanto as redes sociais, formadas em torno do pertencimento religioso, contribuíam para o aumento do capital social de seus membros. Para tanto, utilizamos os conceitos de Bourdieu de *capital social*, como também as noções de campo, *habitus* e estratégia. Apresentaremos aqui, sucintamente, esses conceitos. Seguiremos apresentando dados referentes ao questionário aplicado à região em que obtivemos uma opinião sobre a participação dos evangélicos em suas igrejas, identificando a importância das práticas religiosas em suas vidas. Logo em seguida, mostraremos as principais redes sociais que encontramos no município, destacando suas características e benefícios.

Capital social: a discussão do conceito em Bourdieu

Bourdieu constrói a noção de capital social, de indivíduos ou grupos, a partir da composição entre os capitais "econômico e cultural" que esses possuem (BOURDIEU, 2007a, 2007b). Aspecto esse que tem importante relação com a construção que o autor faz acerca das noções de *campo*, pensado como um "espaço social" que possui estrutura própria, relativamente autônoma com relação a outros espaços sociais, e pode ser identificado por meio de interesses específicos e objetos de disputas que lhe são próprios (BOURDIEU, 2007b). O capital social relativo, desses indivíduos ou grupos, determinará, em grande medida, sua posição dentro de determinado campo. O autor pensa a distribuição do capital em um campo da seguinte forma:

1) Em uma primeira dimensão, os agentes se distribuem de acordo com o volume global do capital possuído, aí incluídos todos os tipos (BOURDIEU, 2007b). Vemos então uma oposição, dentro do campo, entre aqueles possuidores, por um lado, de um capital econômico e cultural altos – um exemplo seria os grandes empresários – e, por outro, os detentores de baixos capital econômico e cultural, por exemplo, trabalhadores braçais.

2) Já em uma segunda dimensão, a distribuição ocorre de acordo com a estrutura desse capital, isto é, de acordo com o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no conjunto de seu patrimônio. Os exemplos seriam de pessoas com alto capital econômico e baixo capital cultural, ou vice-versa.

3) Na terceira dimensão, a distribuição ocorre de acordo com a evolução, no tempo, do volume e da estrutura de seu capital (BOURDIEU, 2007B), o que permite que indivíduos – de acordo com a variação de seu capital – se movimentem dentre de determinado "campo".

Importante aqui é ressaltar que os diferentes volumes de capital determinam o volume e os tipos de bens consumidos pelos indivíduos, como também a forma de produção, reprodução e circulação de "bens simbólicos". Essa diferenciação nos leva a outro conceito: o de *habitus*, definido pelo autor como um conjunto de gostos e preferências, inculcado, e consagrado, por uma ação prolongada, em geral por instâncias como família e sistemas de ensino (BOURDIEU, 1987). Conforme Bourdieu, *habitus* pode ser entendido como "(...) princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida, unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, bens, de práticas" (BOURDIEU, 2007b, p. 21 s.). O *habitus* tem grande influência na visão de mundo e comportamento das pessoas e, para o autor, a família e a instituição escolar (como instância consagradora) são instâncias que contribuem para a reprodução da distribuição do capital social, pois fazem parte das estratégias "inconscientes" que as pessoas adotam para se manterem ou mudarem de posição no campo.

Relativo ao campo religioso, Schäfer (2009) sugere que há uma relação entre as condições de vida social e a subsequente demanda e, pertença, religiosa. O autor cita a noção de Bourdieu, sobre as posições sociais *versus* disposições e práticas religiosas, destacando que de acordo com as posições no espaço social os atores desenvolvem disposições religiosas correspondentes às suas necessidades de dotar de sentido as circunstâncias da vida.

No âmbito de nosso trabalho, a discussão das redes sociais torna-se importante considerando nossa pretensão de identificar em quais delas os religiosos pentecostais estão envolvidos – o que em grande medida é influenciado por sua trajetória da vida (*habitus*) e necessidades específicas – e quais são os benefícios (materiais ou simbólicos) essas podem proporcionar. Para Bourdieu, é justamente nos "benefícios" que o capital social, advindo das relações duradouras nas relações em rede, está concentrado.

Igrejas evangélicas em Rio Grande da Serra: os benefícios materiais e simbólicos

Em nossa pesquisa (questionário) entre os evangélicos no município, indagamos quais são os benefícios trazidos por sua religião, objetivando identificar a percepção dos fiéis acerca dos "ganhos" materiais e simbólicos que sua pertença lhes garante. Para tanto, pensamos que seria relevante saber sua opinião a respeito da "importância da religião em sua vida". Nesse item, as respostas foram: 44% responderam que a religião "é o mais importante" em suas vidas. 36% responderam que a religião "é muito importante", 19% que "é importante" e 1% que "é pouco importante".

Muitos dos entrevistados ressaltaram que a "religião" não é o mais importante, pois o mais importante é "Deus" (e Jesus Cristo). Só Deus pode salvar, curar, etc., a religião, a igreja, as "placas" de igreja não salvam, apenas Deus. Mas a questão, de uma maneira ou de outra, demonstra também que existem outros aspectos em suas vidas tão importantes quanto a religião, o que nos faz pensar o peso da "secularização" nas vidas das pessoas.

Com o objetivo de aprofundar um pouco a percepção sobre as questões importantes para os respondentes, colocamos uma questão que deveria ser respondida indicando o "peso" de determinadas situações eclesiais ou associativas, que deveriam ser assinaladas como: *muito, regular, pouco ou nada* (conforme tabela n. 5). O percentual de respostas com "muito" em termos do que o respondente considera poder receber como membro da igreja, foi: realização espiritual, 89%, conhecimento sobre a Bíblia, 83%, valores morais e éticos, 83%, harmonia pessoal, 79%. Esse grupo de benefícios está mais ligado às questões estritamente pessoais, o que não seria estranho ao universo evangélico, cujo *ethos* indica, historicamente, um caminho individual de salvação.

Entrementes, um percentual não desprezível, assinalou também como "muito" significativos itens como: vivência em comunidade, 77%, possibilidade de ajudar a outras pessoas, 69%, auxílio em questões familiares e conjugais, 66% e relacionamento com pessoas de outras comunidades, 63%. Essas respostas apontam para um maior envolvimento desse grupo em processos coletivos.

Tabela n. 5 – Benefícios obtidos na participação religiosa

Respostas relativas "ao benefício" indicadas como "muito"	**%**
Realização espiritual	**89**
Conhecimento sobre a Bíblia	**83**
Valores morais e éticos	**83**
Harmonia pessoal	**79**
Vivência em comunidade	**77**
Possibilidade de ajudar a outras pessoas	**69**
Auxílio em questões familiares e conjugais	**66**
Relacionamento com pessoas de outras comunidades	**63**
Auxílio em problemas de saúde	**56**
Auxílio em questões profissionais	**45**
Auxílio em questões materiais	**42**

Por fim, há um grupo de benefícios, que a despeito de figurarem entre quase metade dos respondentes como "muito" significativo, destacam-se, por um percentual (bem) menor em relação aos primeiros itens, e relacionam-se com questões mais imediatas e materiais, como problemas de saúde (56%), profissionais (45%) e materiais (42%). Esses também estão entre os que mais significam "pouco" ou "nada" para os respondentes. De forma geral, os dados citados indicam que a participação religiosa traz "benefícios" que transcendem as expectativas materiais. Isso é reforçado pelo fato de que aspectos como saúde ou profissionais não figuram como os mais importantes no âmbito religioso, o que também demonstra certo nível de secularização.

Redes sociais em Rio Grande da Serra

Segue uma relação das redes sociais que identificamos no município, que de uma forma ou de outra, contam com a participação de membros das igrejas evangélicas. Aqui ressaltaremos suas características e benefícios.

– *Rede Social*:[19] É um espaço associativo organizado em 2002, motivado pelas "Campanhas contra a Fome e a Miséria", propostas pela Igreja Católica[20] e aprovadas pela Câmara Municipal. A Missão da entidade é mobilizar e integrar entidades, igrejas, associações, movimentos e pessoas do município, objetivando fortalecer suas ações, influenciando nas políticas públicas para que sejam oferecidos melhores serviços para a população, promovendo assim a inclusão social.

Embora não seja constituída formalmente, há um grupo gestor formado por membros da Igreja Católica, igrejas evangélicas, e outras entidades da região. O grupo realiza reuniões ordinárias, em geral quinzenais, além de outras itinerantes em que são organizadas as "Campanhas". Nas reuniões itinerantes, participam um conjunto maior de igrejas e entidades, que são as responsáveis pela coleta e distribuição das doações. Realizam campanhas com objetivos específicos, como campanhas de inverno, contra a fome, Páscoa feliz, etc. A convivência na "Rede Social" procura envolver, da maneira mais harmônica possível, todas as entidades e igrejas, embora seja pequena a participação de membros das religiões espíritas ou afro-brasileiras. Existe um calendário que se constrói para todos os finais de ano, de arrecadação e distribuição de alimentos para o Natal, que pretende ajudar as famílias mais necessitadas.

– *Associação Fibras da Serra*: Projeto de responsabilidade socioambiental e de economia solidária, foi fundado no dia 26 de novembro de 2009,

19 As informações foram obtidas por intermédio da Pastoral Operária (Paróquia de São Sebastião).

20 A Igreja Matriz de Rio Grande da Serra (São Sebastião) está ligada à Paróquia de Santo André.

envolvendo cerca de 30 moradores de baixa renda, e sem trabalho fixo, do município do Rio Grande da Serra. Está instalado em um galpão de 250m², doado pela prefeitura. Seu objetivo é produzir artesanato feito a partir da palha de fibra de bananeira, como bolsas, bijuterias, artigos de decoração, entre outros itens. O artesanato produzido vem sendo exposto em diversos festivais de entretenimento do Grande ABC e em "parques de exposição" em São Paulo. Esse projeto possibilita, ainda que pouco significativa, uma renda (capital econômico) para os seus participantes.

– *Projeto Mulheres da Serra*: O objetivo desse projeto é aliar aulas de artesanato – o que pode significar geração de renda – e cidadania, porque além das aulas de artesanato, são passadas informações orçamentárias, que permitem às participantes, não apenas saber produzir o artesanato, que envolve técnicas com papel (cartões, bijuterias, caixas, etc.), mas também administrar o negócio, valorando o produto a partir dos gastos com matéria-prima e tempo disponibilizados. O projeto conta com a participação de aproximadamente 45 mulheres, cuja seleção deu-se, inicialmente, por meio da "Rede Social", mas também por intermédio de outras entidades em que participam ou via lideranças (de suas igrejas e associações de bairro). A base conceitual do mesmo é muito mais do que aulas de artesanato, mas gerar cidadania, autopercepção e integração.

– *Cambucy da Serra*: A Cooperativa foi constituída em novembro de 2006 motivada pelo desejo de tirar do risco de extinção uma árvore nativa da Mata Atlântica: o cambuci. Os objetivos são: recebimento, classificação, processamento, industrialização e comercialização do cambuci e, seus derivados, fornecer assistência aos cooperados para melhor executarem a produção de cambuci, realizar cursos de capacitação e garantir a participação da Cooper Cambucy da Serra nas iniciativas governamentais e não-governamentais que visem melhorar a qualidade de vida da população. De forma geral, propõe-se ao desenvolvimento econômico e social, resgate histórico e cultural e a preservação ambiental.

– *Sociedades Amigos de Bairros* (*SAB's*): Ao longo de nosso trabalho tivemos contato com SAB's dos bairros Santa Tereza, Parque América, Vila Lopes e a ACROS (Associação que representa os bairros, Vila Conde, Tsusuki, Recanto das Flores e Viva Otto). De forma geral, têm um trabalho mais assistencialista do que de organização "política" dos moradores, mas considerando a situação da população, esse trabalho tem sua importância. Essas associações participam das campanhas da "Rede Social", contribuindo com arrecadação de alimento, cobertor, etc., como também sediam projetos governamentais como o projeto "Leve Leite" ou projetos esportivos para jovens.

– *Projeto Pequeno Samuel*: Está localizado no bairro Santa Tereza, e integra-se a outro projeto da Igreja Batista, o PEPE,[21] implantado no Brasil pelos missionários britânicos Pr. Stuart e Georgina Christine. Tem como público-alvo crianças na faixa etária de 4 e 5 anos e como lema: "que as crianças ao redor do mundo tenham a oportunidade de desfrutar de um preparo educacional que estimule seu melhor desenvolvimento social e espiritual independente de qualquer desvantagem socioeconômica". A finalidade do projeto é promover a educação, assistência social, moral, espiritual do povo brasileiro conforme os propósitos e métodos baseados na Bíblia, sem distinção de cor, sexo, nacionalidade, classe social, credo político ou religioso.[22] Consideramos que esse projeto contribui, principalmente, com o aumento de capital cultural dos participantes.

– *Projeto Alegria de Viver*: Este faz parte de outros projetos mantidos pela instituição *Ação Social Cristo Rei*, ligada à Igreja Católica, e trabalha com crianças e adolescentes. O principal objetivo do projeto *Alegria de Viver* é retirar as crianças da rua no período que estão fora da escola que, em geral, ficam sozinhas em casa, pois os pais trabalham o dia todo. Como muitas crianças são bastante carentes, têm a oportunidade de tomar café da manhã e almoçar, o que nem sempre podem fazer em casa. A importância de ficarem ali também se baseia no fato de que na rua estão expostas ao tráfico de drogas. O projeto atende a crianças de todos os níveis sociais e conta principalmente com atividades de reforço escolar, informáticas, capoeira, violão, bordado (inclusive para os meninos), pintura em tecido, jogos e brincadeiras. Situado no bairro Santa Tereza, atende a crianças de todo o município, e procura priorizar as crianças mais necessitadas. Embora seja uma associação católica, abriga grande número crianças de famílias evangélicas. Aqui o capital cultural também tem grande preponderância.

– *Associação Cidadania e Vida* (*ACV*): A instituição situa-se no âmbito secular, e tem o objetivo de atender a crianças carentes do município. Entre os projetos organizados estão: o "Primeiro Emprego", com cursos de informática, cabeleireiro, manicure, montagem de micro. Também foram realizadas parcerias com a empresa "Dura", com a realização de cursos de matemática e português, bem como treinamentos e palestras, o que resultou em vários jovens empregados na própria empresa.

– *Desafio Jovem, Viva Vida*. Fundado em 26 de janeiro de 1995, atua em problemas de toxicomania e alcoolismo. Está situado no bairro Oásis Paulista, entre os bairros Santa Tereza e Parque América, e abriga homens

[21] Programa de apoio ao desenvolvimento da criança em família na comunidade (www.pepe-network.org).

[22] Cf. _www.pequenosamuel.org.br/_estatuto_social.html

de todo o município, e de outras cidades.[23] A instituição é coordenada, de forma voluntária, por fiéis de igrejas evangélicas (mais especificamente as igrejas assembleianas, batistas e presbiterianas), e o fato mais importante, é que muitos foram dependentes químicos. O trabalho da instituição é recuperar os dependentes químicos e reintegrá-los à sociedade, embora haja um trabalho, indireto, de evangelização, principalmente, por intermédio de cultos regulares que ocorrem na instituição.

Considerações finais

O município de Rio Grande da Serra, que por suas características socioeconômicas e geográficas pode ser considerado uma região de periferia, apresenta um diversificado campo religioso evangélico. O resultado de nossa pesquisa realizada entre os integrantes desse universo religioso mostra que, principalmente os evangélicos pentecostais, possuem um baixo capital social, seja do ponto de vista econômico, seja no âmbito cultural.

Nesse sentido, as redes que se formam em torno das igrejas, entre outras entidades no município, têm impacto positivo para essas pessoas. No que diz respeito à participação nos cultos, entre outras atividades eclesiais, verificamos que os membros consideram receber um importante capital simbólico, como observamos nas respostas como "realização espiritual", "conhecimento sobre a Bíblia", "valores morais e éticos", etc.

Em relação às redes sociais, embora nossa pesquisa tenha suas limitações, principalmente em relação ao tempo disponível para acompanhamento dessas, observamos considerável envolvimento dos evangélicos, mesmo dos pentecostais, historicamente menos participativos em espaços coletivos. A despeito de não termos a possibilidade de medir, em um tempo mais expressivo, os ganhos econômicos dos participantes, foi possível identificar que as redes têm capacidade para aumentar o capital econômico dos envolvidos. Relativo ao capital cultural, consideramos que muitas das redes possibilitam o aumento desses para os participantes, pois muitas estão relacionadas ao processo de educação. Assim, de modo geral, entendemos que as redes sociais (e religiosas) estudadas contribuem para o aumento do capital social dos seus integrantes.

Referências bibliográficas

BARRERA, Paulo. "A Igreja Pentecostal Deus é Amor entre tradição e modernidade." In: PASSOS, João Décio (org.). **Movimentos do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005a, Cap. 8, p. 213-245, (coleção ecclesia 21).

[23] tualmente o projeto abriga somente homens, no entanto, há a preocupação de abrigar também mulheres, que vêm sendo, significativamente, acometidas pela dependência química.

BOURDIEU, Pierre. A **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva [introdução, organização e seleção de Sergio Miceli], 1987.

_____. **A Distinção**: crítica social do julgamento, 1. ed. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.

_____. **Razões prática**s: sobre a teoria da ação. 8. ed. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2007b.

LOPES, Fernanda Amate. *Impactos Ambientais em áreas de mananciais, um estudo de caso*: bacia hidrográfica do Ribeirão da Estiva no município de Rio Grande da Serra, 2006. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação (Ciências Biológicas) UNIABC, Santo André, 2006.

NORONHA, Claudio Pereira. **Religião e capital social na periferia urbana do Grande ABC Paulista**: uma análise das redes sociais pentecostais no município de Rio Grande da Serra. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

SAAR, Gisela Leonor. **Anotações históricas do município**, s/d.

SANTOS, Wanderlei dos. **Aspectos históricos, geográficos e estatísticos do município paulista de Rio Grande da Serra**, s/d.

SCHÄFER Heinrich. "La generación del sentido religioso – observaciones acerca de la diversidad pentecostal en América Latina." In: Daniel Chiquete *et al* (ed.): **Voces del pentecostalismo latinoamericano (III)**: Teología, Historia, Identidad. Concepción, Chile: EMW/ CETELA 2009: 45-72.

SERRANO, Maria Rita (org.)**. O desenvolvimento socioeconômico de Rio Grande da Serra.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

TORRES, Haroldo; FERREIRA, Maria Paula e GOMES, Sandra. "Educação e segregação social: explorando o efeito das relações de vizinhança." In: MARQUES, Eduardo e TORRES, Haroldo (orgs.). **São Paulo**: segregação, pobreza e desigualdades sociais, São Paulo, Ed. SENAC, 2005, Cap. 5, p. 123-141.

Outras referências bibliográficas

Plano Diretor Participativo de Rio Grande da Serra, 2006.

www.pepe-network.org.

www.pequenosamuel.org.br/estatuto_social.html

Recebido em: 24/10/2011

Aprovado em: 01/12/2011